



EIXO TEMÁTICO:

- Ambiente e Sustentabilidade Crítica, Documentação e Reflexão Espaço Público e Cidadania
 Habitação e Direito à Cidade Infraestrutura e Mobilidade Novos processos e novas tecnologias
 Patrimônio, Cultura e Identidade

Memória da cidade: uma porta de entrada para preservar o patrimônio cultural de Natal-RN

Memory of the city: a gateway to preserve the cultural heritage of Natal-RN

Memoria de la ciudad: una puerta de entrada para preservar el patrimonio cultural de Natal-RN

ASSUNÇÃO, Gabriela Lira (1)

(1) Professora Mestra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, ECT, Natal, RN, Brasil; email: gabriela.lira.assuncao@gmail.com.br

Memória da cidade: uma porta de entrada para preservar o patrimônio cultural de Natal-RN

Memory of the city: a gateway to preserve the cultural heritage of Natal-RN

Memoria de la ciudad: una puerta de entrada para preservar el patrimonio cultural de Natal-RN

RESUMO

O artigo aborda o potencial da memória em colaborar com a conservação do patrimônio cultural, através do caso dos bairros mais antigos de Natal-RN, Cidade Alta e Ribeira. Para subsidiar a discussão são utilizados estudos históricos, registros memorialísticos da cidade e relatos sobre o passado obtidos na consulta à população. A memória como fonte permite a discussão de representações e significados associados ao ambiente, pois ela é uma construção social do presente sujeita a dialética da lembrança e do esquecimento. Os elementos evidenciados pelos usuários da área de estudo estão relacionados com bens patrimoniais reconhecidos por níveis do governo e com os registros memorialísticos descritos, principalmente os de Luís Câmara Cascudo que são utilizados como porta de entrada à história da cidade. As falas coletadas em campo permitiram a identificação de *lugares* com relações sociais associadas, que são importantes para aproximar o patrimônio cultural da vida cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura, patrimônio cultural, memória, participação social

ABSTRACT

The article discusses the potential of memory to work with the conservation of cultural heritage, through the case of the oldest neighborhoods in Natal-RN, Ribeira and Cidade Alta. To support the discussion are used historical studies, memories records of the city and reports of the past that were obtained on consulting the public. The memory as a source allows discussion of representations and meanings associated with the environment, because it is a social construction of the present which is subject to the dialectic of remembering and forgetting. The elements shown by users of the study area are related to heritage assets recognized by levels of government and to memories records described, mainly those left by Luís da Câmara Cascudo who are used as a gateway to the city's history. The speeches collected in the field allowed the identification of places with social relation associated, they are important to approach the cultural of daily life.

KEY-WORDS: architecture, cultural heritage, memory, social participation

RESUMEN

El artículo analiza el potencial de la memoria para trabajar con la conservación del patrimonio cultural, a través del caso de los distritos más antiguos de Natal-RN, Ribeira y Cidade Alta. Para apoyar la discusión se utilizan estudios históricos, registros de memorias de la ciudad y relatos acerca del pasado obtenidos en la consulta a la población. La memoria como fuente permite la discusión de las representaciones y los significados asociados con el ambiente, ya que es una construcción social de lo presente sujeta a la dialéctica del recuerdo y el olvido. Los elementos evidenciados por los usuarios de la zona de estudio están relacionados con los bienes patrimoniales reconocidos por los niveles de gobierno y con los registros de memorias mencionados, sobre todo los de Luís da Câmara Cascudo que se utilizan como puerta de entrada a la historia de la ciudad. Los discursos recogidos en el campo también permiten la identificación de los lugares con relaciones sociales asociadas, que son importantes para dejar el patrimonio cultural más cercano de la vida cotidiana.

PALABRAS-CLAVE: arquitectura, patrimonio cultural, memoria, participación social

1 INTRODUÇÃO

A participação da sociedade no processo de reconhecimento de valor e de conservação de áreas patrimoniais tem sido evidenciada nas transformações teóricas da concepção de patrimônio. Estudos contemporâneos, a exemplo do de Mônica B. Starling (2009, p.141), afirmam que o conceito de patrimônio era inicialmente focado na “excepcionalidade”, “no valor estético, monumental e arquitetônico” e atualmente tem um sentido mais abrangente, pois inclui “a perspectiva urbana e os valores imateriais representados pelas tradições e manifestações culturais baseadas nos saberes e fazeres do cotidiano das comunidades, na sua oralidade, rituais, festas e lendas.”

O presente artigo evidencia a importância de considerar práticas sociais existentes na área patrimonial, bem como de envolver a população com a conservação de uma maneira mais ampla. Dentre as relações pessoa-ambiente existentes o foco da discussão é no estudo da memória. Através da observação do caso dos dois bairros mais antigos de Natal-RN (Cidade Alta e Ribeira), os quais possuem valores reconhecidos pelos três níveis de governo (municipal, estadual e federal). Na abordagem adotada é destacado o potencial do fenômeno mnemônico para colaborar na preservação de áreas patrimoniais. O estudo de Denise Jodelet (2001, p.33) afirma a importância da memória para trabalhar a relação da população com os centros antigos das cidades, evidenciando sua capacidade de dar sentido aos suportes físicos do passado e ligar de maneira dialética passado, presente e futuro.

O ato de preservar certas áreas da cidade tem influência direta na construção de identidades e memórias. Conforme o estudo clássico de Maurice Halbwachs (2006[orig.1968]), o fenômeno mnemônico tem como suportes o quadro social e espacial. Pierre Nora (1981, p.9) destaca que a memória não revela a realidade física em si, pois ela é carregada por grupos vivos e “está em permanente evolução”. Por isso, ela está sujeita a “deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1981, p.9). Neste sentido, a memória é utilizada como fonte neste artigo para compreender os significados associados ao ambiente.

Os significados associados ao ambiente são investigados também pelo estudo do *lugar*. Sylvia Cavalcante e Lana Nóbrega (2011, p.182) sintetizam a definição deste termo que é utilizado para diferenciar um local com significados sociais atribuídos pela vivência e sentimentos envolvidos de um *espaço* caracterizado apenas por sua dimensão física, por ser neutro e exterior em relação ao indivíduo. Os atributos do *lugar* conferem identidade ao ambiente que passa a ser reconhecido em contraste com o entorno.

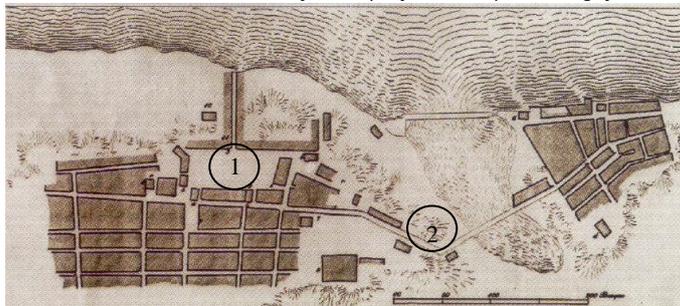
O estudo das representações e significados atribuídos pelos usuários ao patrimônio cultural em Natal está inserido na preocupação de contribuir para que o desenvolvimento da cidade não se faça sobre o esquecimento de sua história. Para esta discussão o artigo é constituído de considerações acerca da formação histórica da área de estudo¹, de registros memorialísticos sobre Natal e por fim de análise dos relatos obtidos em campo sobre a área de estudo que são produto de uma construção social.

¹ Com base em estudos consolidados sobre a história de Natal, dentre os quais estão o conjunto de escritos de Ângela L. Ferreira e George A. Dantas (2006) em *Surge et Ambula*; Ângela L. Ferreira et al. (2008) em *Cidade São e Bela*; Rubenilson Teixeira (2009) em *Da cidade de Deus à cidade dos homens*. Também foram utilizados como referência os trabalhos acadêmicos de Giovana Oliveira (2008) e Yuri Simonini (2010).

2 CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A CIDADE ALTA E RIBEIRA

Conforme os estudos históricos, Natal é uma cidade fundada no século XVI (mais precisamente em 1599), iniciou como um pequeno povoado em torno de uma “praça” (com feições de descampado – atual Praça André de Albuquerque) situada no platô elevado próximo à margem d’água. No perímetro desta área livre foi construída a igreja Matriz e edificações civis, como a Casa de Câmara e Cadeia. No século XVIII a área urbana expandiu-se lentamente para a Ribeira numa região às margens do Rio Potengi. As partes alta e baixa da cidade foram se desenvolvendo lentamente até o século XIX, praticamente independentes, pois eram separadas fisicamente por uma área alagada do Rio. Conforme Simonini (2010), a única ligação entre elas era feita por ladeira íngreme e precária que teve o nome de Ladeira da Cruz e posteriormente Av. Junqueira Aires (ver figura 1).

Figura 1: Cidade Alta à esquerda e Ribeira à direita. Mapa elaborado em 1864 (primeiro mapa conhecido de Natal), publicado no Atlas do Império do Brasil. O número 1 indica a localização da “praça” e o 2 a primeira ligação entre os bairros de estudo.



Fonte: Candido Mendes de Almeida (1868, apud Ferreira et al., 2008).

Os estudos de Ângela L. Ferreira et al. (2008) destacam as últimas décadas do século XIX e início do século XX, quando foram realizadas transformações urbanas para a conformação de uma cidade ‘moderna’, em oposição aos padrões ‘coloniais’ (ver figura 2). As reformas urbanas realizadas tiveram o objetivo de criar um ambiente com padrões higienistas e estéticos para provocar o refinamento no comportamento da sociedade.

Figura 2: “Praça” André de Albuquerque c. 1904, ainda com feições do período colonial.



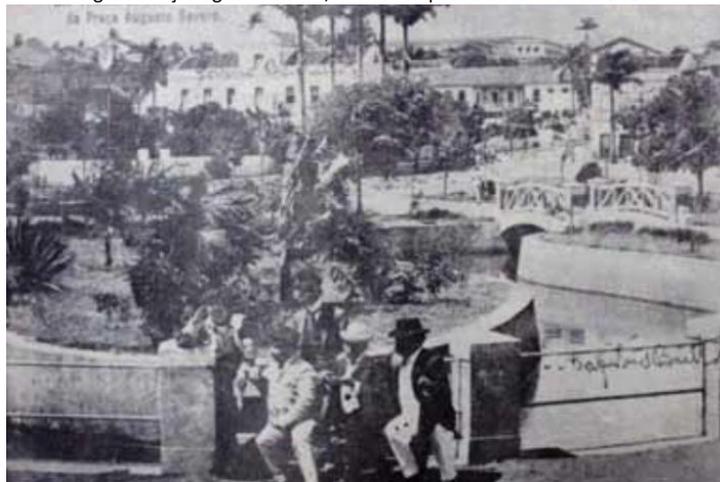
Fonte: Bougard (1904, apud SIMONINI, 2010).

Segundo Giovana Oliveira (In: FERREIRA e DANTAS, 2006 p.111):

Os vinte e cinco primeiros anos do poder republicano em Natal, entre 1889 e 1913, caracterizam-se pelo grande investimento que o poder público realizou para transformar essa cidade, resolvendo problemas de insalubridade; assegurando a limpeza e o asseio das ruas, becos, praças e residências; reformando esteticamente ruas; introduzindo no cenário urbano o sistema de abastecimento de água e esgoto, iluminação (inicialmente com gás etileno, depois elétrica), transportes (bondes), comunicação (telégrafo e telefonia); dotando a cidade de infra-estrutura urbana geral (escolas, hospitais, cadeia pública, bancos, teatro, cinema); reconstruindo e construindo novos edifícios e executando as obras do porto de Natal.

O desenvolvimento econômico propiciado pelo porto da cidade e os avanços técnicos, permitiram a transformação da antiga área alagada do Rio Potengi na Ribeira em uma praça ajardinada em conformidade com os padrões modernos da época (SIMONINI, 2010). Além do jardim foram realizados serviços de drenagem e elevação do nível do piso do local. As obras da praça foram inauguradas em 1902, o local corresponde à atual Praça Augusto Severo que é a antiga Praça da República (ver figura 3).

Figura 3: Pç. Augusto Severo, em cartão postal da década de 1910.



Fonte: Manoel C. Neto - nataldeontem.blogspot.com.br

Algumas áreas da cidade receberam destaque com as transformações urbanas realizadas neste período. Ruas como a Avenida Junqueira Aires passaram a ser modelo de padrões sanitários e estéticos da época (ver figura 4). Esta antiga Ladeira da Cruz foi dotada de calçamento definitivo com arborização, iluminação e infraestrutura para a passagem dos bondes, aumentando, assim, a integração entre a Cidade Alta e a Baixa (SIMONINI, 2010).

Figura 4: Av. Junqueira Aires na década de 1930.



Fonte: Manoel C. Neto. In: NATALDEONTEM.

No final da década de 1930, na área urbana de Natal destacavam-se dois eixos viários (OLIVEIRA, 2008). O primeiro deles era a Avenida Tavares de Lira na Ribeira caracterizada pela presença do cais de acesso à cidade, pela concentração de atividades comerciais e políticas (ver figura 5). O segundo eixo era constituído da Avenida Rio Branco na Cidade Alta que havia se conformado em uma via “moderna” após ter passado por intervenções públicas. O

prolongamento dessa Avenida se constituiu na segunda ligação do bairro com a Ribeira (ver figura 6).

Figura 5: Avenida Tavares de Lira em 1920/1922.



Fonte: POMBO, 1922. In: OLIVEIRA, 2008.

Figura 6: Cruzamento da Avenida João Pessoa com Avenida Rio Branco.



Fonte: Acervo Diário de Natal. In: OLIVEIRA, 2008.

Além das reformas urbanas, outro fator que alterou radicalmente a dinâmica de Natal foi o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), quando uma base aérea do EUA foi instalada na cidade, ocasionando a vinda de um expressivo contingente de norte-americanos. Na década de 1940, a Ribeira, que era a porta de entrada da cidade, apresentou um expressivo desenvolvimento econômico, pois nas restrições impostas pela guerra principalmente os “comerciantes prosperavam, estimulados pelo crescimento da demanda e pelo aumento de dinheiro circulante na cidade” (OLIVEIRA, 2008, p.144).

3 REGISTROS MEMORIALÍSTICOS DE NATAL

A história da cidade de Natal é fortemente marcada pelos registros memorialísticos deixados por Luís da Câmara Cascudo, intelectual reconhecido pelos seus estudos sobre a história e cultura brasileiras. Ele morou mais de 40 anos na Av. Junqueira Aires e fez parte da elite política natalense. Em 1947, ele publicou o livro *A história da cidade de Natal*, abordando temas desde a fundação da cidade até a década de 1940 (contexto da Segunda Guerra Mundial). Para Ângela L. Ferreira e George A. Dantas² (2009, p.158), os registros de Cascudo exerceram forte influência na “construção de significados” em prol da modernização da cidade.

² Os autores analisam algumas produções de Cascudo, das décadas de 1920 a 1940, com destaque para o livro *A história da cidade de Natal*.

Segundo Ferreira e Dantas (2009, p.161), apesar do caráter de coletânea, o livro não é “assistemático” como parece à primeira vista, pois apresenta “de forma não linear, estruturando-se pouco a pouco” a tese de que a cidade de Natal só passaria a ser cidade de fato com os ciclos de modernização do início do século XX. Os autores afirmam que Cascudo procurou “registrar a memória da cidade e construir a sua história” e que esta obra de 1949 se tornou “uma das principais – senão a principal – porta de entrada à história da cidade”. Num trecho deixado por Cascudo (1929b apud FERREIRA e DANTAS, 2009, p.166) podemos observar sua leitura sobre Natal: “Oficialmente existe a Cidade de Natal há trezentos e trinta anos. Relativamente parece com esse título há oito ou nove anos. Ou melhor, imita cidade recém fundada, se o enviasamento das artérias não denunciasse a velhice”.

Os registros memorialísticos de Cascudo demonstram seu posicionamento no debate cultural da época, contribuindo para a construção de uma conjuntura possível para a modernização da cidade. Neste sentido, deixa claro seu ponto de vista ante ao dilema do progresso, entre o novo e o antigo. “Não há, para Cascudo, dicotomia. Preservar e valorizar os costumes e as práticas populares não significava preservar o espaço da cidade tradicional. Essa sobrevivência no registro da memória e da história que o próprio Cascudo ajudaria a construir e a sedimentar” (FERREIRA e DANTAS, 2009, p.168).

Na crônica *Natal uma Cidade Sempre Nova* (publicada em 1949) fica evidente o posicionamento de Cascudo. Nela o autor afirma que as construções simples da cidade, feitas para durarem pouco, foram constantemente reconstruídas, restando quase nada dos séculos anteriores ao século XIX. Para o autor: “Natal é uma cidade sempre nova, sem casario triste e sujo, sem sobradões lúgubres que ainda o Recife é obrigado a manter” (CASCUDO 1949, In: LIMA, 2008). Este e outros registros memorialísticos sobre a capital corroboram para a lembrança e o esquecimento das partes da cidade, por isso eles são importantes para a compreensão das representações e significados acerca dos bens culturais legados do passado.

Devido ao recorte da pesquisa foi dado enfoque nos registros relacionados à Cidade Alta e Ribeira, que até meados do século XX foram centro da vida urbana da cidade. Lauro Pinto, no livro *Natal que eu vi* (publicado em 1971) também relata a área de estudo de sua época. Ele descreveu a Ribeira do início do século XX citando seus limites nomeadamente o Cais do Porto, o Rio Potengi e a Praça Augusto Severo. Também citou a pouca ventilação, o calor e os frequentes alagamentos do bairro. Lauro Pinto destacou o período de apogeu econômico da Ribeira (no contexto da Segunda Guerra), quando o local foi o mais movimentado de Natal. “Era o bairro da maioria dos homens ricos de Natal, do comércio mais variado, das grandes lojas, casas comerciais e emprêsas” (PINTO, 1971, p.25). O local do Carnaval de rua, dos Clubes, da grande movimentação do Porto, da rede Ferroviária (antiga Great Western), dos hotéis da cidade, do cinema Politeama, do Teatro, da Escola Doméstica (apenas de moças) e do Grupo Escolar Augusto Severo. Relembra os dias de competição dos clubes de remo (Esporte Clube de Natal e Centro Náutico de Remo) no Rio Potengi que eram dias de festa no bairro.

A Ribeira também recebeu destaque no cenário político da época, possuía o café “Cova da Onça” que foi “o Quartel General do Partido Popular, depois U.D.N, e hoje, podemos dizer a ARENA. Ali reuniam-se os políticos adeptos dos chefes políticos, entre eles: José Augusto Bezerra de Medeiros e Rafael Fernandes” (PINTO, 1971, p.31). No contexto da Segunda Guerra Mundial lembra a concentração de cabarés e casas de diversão, destacando a “promiscuidade” como o “principal defeito” do bairro, pois ocorriam ao lado de casas de família que lá haviam.



Lauro Pinto também relata que com o fim da Guerra houve a diminuição do dinheiro circulante na Ribeira e muitos estabelecimentos comerciais passaram a se fixar na Cidade Alta (no entorno da Av. Rio Branco) e no Alecrim (bairro vizinho).

Até esta “invasão do comércio” a Cidade Alta era um bairro quase exclusivamente familiar e de população numerosa (PINTO, 1971). Além das residências, nesta área da cidade estavam as principais repartições e entidades, como: Palácio do Governo Estadual e Municipal, Quartel da Força Federal, Quartel da Polícia Militar, Tribunal de Justiça, Liceu Industrial, dentre outros. Sobre os locais de sociabilidade da época, ele destaca alguns situados na Av. Rio Branco, que na década de 1930 se destacou como “Coração de Natal” (PINTO, 1971, p.40). São exemplos destes *lugares* o Mercado Público Municipal³ - que conforme o autor “era o lugar onde se sabia de todos os acontecimentos, quer políticos ou sociais” - e o “Grande Ponto”.

Ontem, como ainda hoje penso, ainda perdurará por muitos anos, o maior e mais movimentado ponto de reunião dos ‘papos’ de Natal: a fortaleza denominada Grande Ponto. Lugar de reunião das conversas infundadas, dos partidos políticos em assembléias extra-oficiais dos encontros amorosos, das discussões esportivas, da exibição de vestidos novos, dos aposentados e vagabundos, das fofocas e, mais ainda, do falatório da vida alheia. [...] Mas hoje, como ontem o Grande Ponto, a Cidade Alta é o coração de Natal. O movimento hoje é enorme. Lojas e estabelecimentos modernos e artisticamente ornamentados. Ótima iluminação. Pelas 17 horas temos a impressão de que estamos em uma cidade grande (PINTO, 1971, p.36).

Uma das tradições apagadas pelo tempo foi a Feira do Passo da Pátria, Lauro Pinto (1971, p.40) relata que ela “*marcou época*”: aos sábados “*vinha muita gente de toda Natal fazer compras*”. Com os ciclos de modernização da cidade a feira foi fadada ao esquecimento por não seguir os padrões sanitários da época. Como demonstra trecho do registro do autor: “*Era o lugar mais sujo, pobre e desgraçado de Natal*”, à noite se transformava em violência, prostituição, “*forrobodó e cachaça*”.

As crônicas, do livro *Nossa Cidade Natal*, também destacam os antigos locais de sociabilidade, como: “*Grande Ponto, Reis Magos, Natal Club, Majestic, Mercado, Rex, Royal, São Luís, Cova da Onça, rua Chile, Dr. Barata, Tavares de Lira, Rio Branco*”, (MELO FILHO In: NATAL, 1984, p.77). As relações existentes com estes ambientes tradicionais da Cidade Alta e Ribeira foram rompidas com as transformações da cidade: “*O Tempo, a Civilização, o Progresso e o Destino devoraram tudo: coisas boas e ruins*” (PINTO, 1971, p.41).

Mudaria Natal ou mudei eu? Nada disso, nós mudamos juntos. Na cidade, o progresso e os moderno/modismo destruíram as formas de moça provinciana, vestindo-a de longos espigões que emparedam a brisa, sufocam as árvores e as praças. Em mim a pátina do tempo transformou-se em rugas, em cabelos brancos, em cansaço dos aclives e em uma lírica e imensa saudade. (SEVERO NETO In: NATAL, 1984, p.10)

Os registros memorialísticos de Natal evocam elementos do passado sobre a Cidade Alta e Ribeira, revelando um caráter de nostalgia do “tempo de ouro” vivido pelos bairros. A modernização da cidade, o contexto da Segunda Guerra e a expansão populacional e urbana - que ocorreram a partir da década de 1950 - tiveram grande impacto na área urbana mais antiga. Conforme Ferreira e Dantas (2009), para os registros memorialísticos da cidade, a década de 1940 tornou-se “um marco a separar a cidade moderna” em expansão de “uma antiga cidade” lenta e tranqüila, a imagem romantizada do passado, que foi rompida pelo contexto da Segunda Guerra Mundial.

³ O Mercado Público Municipal da Av. Rio Branco funcionou até a década de 1960 - quando foi destruído por um incêndio (PINTO, 1971).

[...] as reformas urbanas não transformam ou destroem a dimensão física da cidade apenas; ao fazê-lo, alteram, muitas vezes radicalmente, os espaços de sociabilidade tradicional, rompem os tecidos históricos e sociais das atividades populares. Cada vez mais circunscrita e alijada dos espaços centrais, a cidade dos folguedos populares, das cheganças, dos reisados, dos emboladores, os espaços da manifestação popular seriam apartados. (FERREIRA e DANTAS, 2009, p.159)

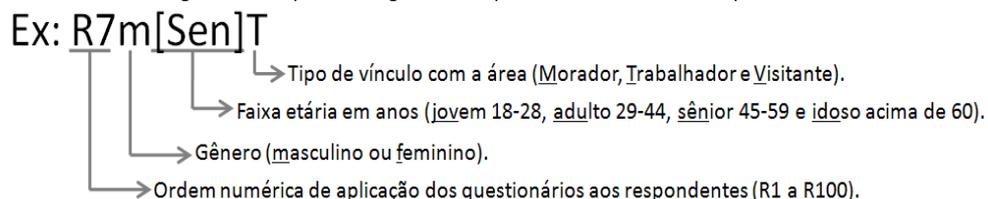
Até a década de 1940, a Cidade Alta e a Ribeira permaneceram como áreas centrais da dinâmica urbana da cidade. A partir de 1950 o Governo incentivou a criação de novas áreas e o turismo “sol e mar”, dotando outras partes da cidade de infra-estrutura. Os investimentos nos dois bairros diminuíram e estabelecimentos comerciais e residenciais migraram para as áreas de expansão. Estudos afirmam que o processo de subutilização da Ribeira contribuiu para formação de imagens negativas de degradação e violência (ELALI, 2007; TINOCO et al. 2008). Para evitar as substituições de edificações na malha urbana mais antiga de Natal, as instituições do Governo passaram a realizar ações de proteção e valorização do patrimônio edificado⁴ (através de legislações, projetos, dentre outros).

A primeira delimitação de uma área de proteção ocorreu em 1990, com a instituição da Zona Especial de Preservação Histórica (ZEPH) Municipal. As ações e projetos implantados na área de interesse patrimonial a partir desta data, não foram suficientes para promover uma valorização mais ampla dos bens culturais da cidade. No entanto, o cenário atual é propício a discussões devido ao recente tombamento federal de um perímetro na área de estudo (em 2010) e a inclusão da cidade no PAC-Cidades Históricas (em 2013). Por isso neste artigo abordamos a representação atual da população sobre a área de estudo, analisando significados, com vistas a contribuir para a conservação do patrimônio cultural.

4 RELATOS DOS USUÁRIOS OBTIDOS EM CAMPO

A pesquisa de campo realizada solicitou aos usuários (moradores, trabalhadores ou visitantes) a descrição de lembranças associadas à área de estudo. A análise dos relatos apresentada possui natureza qualitativa e é um recorte da pesquisa desenvolvida pela autora (ASSUNÇÃO, 2014). Foram utilizados códigos para resguardar a identidade dos respondentes, estes são constituídos conforme demonstra a figura 7.

Figura 7: Exemplo de código utilizado para fazer referência ao respondente.



Produzido pela autora.

Relatos principalmente de seniores e idosos referiram-se ao prédio da ‘Antiga Rodoviária’ que é um exemplar da apropriação local do ideário modernista. Atualmente a edificação possui uso institucional, no primeiro andar abriga o Museu Djalma Maranhão. Esta construção está situada na Praça Augusto Severo, onde existem outros elementos de destaque do sítio, como o Teatro Alberto Maranhão (ainda em funcionamento) e o antigo Grupo Escolar Augusto Severo

⁴ Assunção (2014) aborda as principais ações do governo para Cidade Alta e Ribeira, entre a década de 1990 até o ano de 2013, com base em documentos produzidos pelas instituições do governo. Também discute algumas das consequências sócio-físicas destas intervenções com base em notícias de jornal e na observação de campo.

(com projeto em andamento para ser reutilizado) que são exemplares ecléticos. A Praça fica na antiga área alagada do Rio Potengi que foi transformada em praça durante as modernizações do início do século XX. As lembranças associadas ao local destacaram o movimento na época do funcionamento da Rodoviária e também deixaram transparecer o vínculo afetivo com este *lugar* da Ribeira.

A maior parte do pessoal do interior vinha para rodoviária, da rodoviária é que saía. Todo comércio era centrado em baixo, na Ribeira. Vinham os ônibus, você tinha mercadoria. Quando pelos anos 70 a rodoviária saiu daqui, foi para a Cidade da Esperança. (R32m[Sen]T)

Antigamente quando eu trabalhava no Samburá, o pessoal falava da Ribeira, eu tinha medo da Ribeira. Depois que eu saí do Samburá arrumei um dinheirinho e comprei dois quiosques aqui na Rodoviária velha, passei de 16 anos. Aí perdi o medo da Ribeira. Gosto tanto da Ribeira que tô aqui ainda. [...] Eu adoro a Ribeira. (R7m[Ido]T, grifo nosso)

Os usuários de mais idade relataram lembranças da época em que o Grande Hotel funcionou (ver figura 8). A edificação de características protomodernas teve sua inauguração no início da Segunda Guerra e foi o primeiro hotel na cidade construído dentro dos padrões estéticos e higiênicos do século XX. O projeto foi de autoria do francês George Munier e era “parte integrante do Plano Geral de Obras” (1935/1939) do Escritório Saturnino de Brito (FERREIRA et al., 2008, p.162). Em 1991, o bem foi tombado pelo Estado e atualmente possui uso institucional, nele funciona um órgão da justiça. As lembranças relacionadas ao funcionamento do Grande Hotel e dos bondes revelam um caráter de nostalgia de um tempo “de ouro” que principalmente a Ribeira viveu na primeira metade do século XX.

Figura 8: Edifício do antigo Grande Hotel.

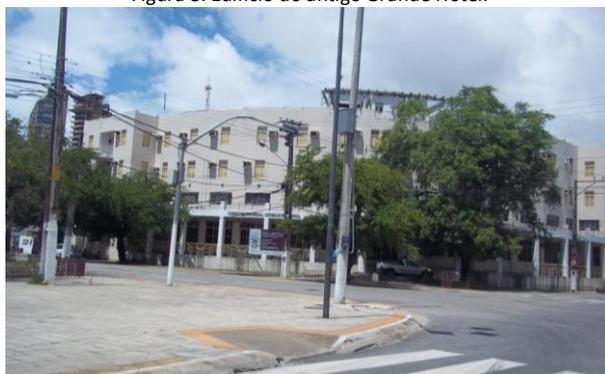


Foto da autora, ago. 2013.

Locais de sociabilidade do passado também foram recordados nas falas dos respondentes de mais idade, a exemplo da *Peixada Potengi* (R89m[Ido]T; R97m[Sen]M), do *Tabuleiro da Baiana* (R52m[Ido]V) e do *Café Cova da Onça* (R52m[Ido]V). Estes antigos *lugares* foram citados nos registros memorialísticos de Natal e em consultas anteriores aos usuários da Ribeira, realizadas nas pesquisas de Gleice Elali (2007) e Marcelo Tinoco et al. (2008). Os relatos de Lauro Pinto (1971) e do visitante aposentado da área de estudo revelam a importância do *Café Cova da Onça* no cenário político da cidade, assim como o papel de destaque da Av. Tavares de Lira e do bairro neste contexto.

Av. Tavares de Lira antigamente era a rua mais conhecida de Natal. Tinha pé de Ficus. Ficavam aqueles homens de baixo da sombra. Aí começava a juntar gente e se sentavam no café ‘Cova da Onça’. O café ninguém comprava, porque o povo era tudo sentado nas cadeiras, aí fechou. Tem um ditado que diz: ‘quem conversa foi quem fechou o Café Cova da Onça’. (R52m[Ido]V, grifo nosso)

O Mercado Público Municipal - situado na Av. Rio Branco - foi lembrado por uma antiga moradora da estreita Rua Cussy de Almeida e pelo registro memorialístico de Lauro Pinto (1971). *“O Mercado da cidade, onde é o Banco do Brasil, pegou fogo. Papai tinha uma sapataria ali, papai fazia sapatos para as lojas do mercado”* (R69f[Ido]M). Esta pequena rua tem conotação de lugar para seus moradores, como afirmou a jovem respondente (R71f[Jov]M), “tipo uma família”.

Outro antigo morador da Rua Cussy de Almeida (R70m[Ido]M) falou com entusiasmo das lembranças relacionadas à área de estudo, pois elas contam boa parte de sua vida. Ele trabalhou na Capitania dos Portos (na Ribeira) durante 39 anos. Este senhor e outro idoso (R70m[Ido]M e R52m[Ido]V) lembraram do “Grande Ponto” na Cidade Alta. *“Então, ali era o ponto de encontro [...] dos solteiros [...] iam para ali [...] chegavam às duas e meia e ficavam até seis horas. É ali na João Pessoa com a Rio Branco”* (R70m[Ido]M). A descrição do morador e os registros memorialísticos da cidade revelam o significado social deste *lugar* no passado.

Próximo ao “Grande Ponto” ficavam os cinemas de rua (Rex, Nordeste e Rio Grande) citados por respondentes adultos, seniores e idosos. A edificação do antigo Cinema Nordeste de características modernistas atualmente abriga a loja de departamentos Leader, as reformas alteraram as feições originais da construção, principalmente no interior. Estas intervenções foram possíveis porque apenas os painéis da fachada tiveram valor reconhecido pelo Estado.

Outro elemento abordado na memória de Lauro Pinto (1971) foi o Café São Luiz que ainda nos dias de hoje é ponto de encontro tradicional de antigos conhecidos (ver figura 9). Hoje, muito deles são aposentados e continuam a frequentar diariamente a frente do Café. R40m[Sen]V mora em Parnamirim e R85m[Ido]V em Tirol, mas afirmam que vão sempre ao lugar para encontrar amigos e conversar. R39f[Adu]T trabalha no Café e diz que ele “existe há 61 anos” e por isso é comum aparecerem “filhos, netos que dizem: meu avô freqüentou aqui”.

Figura 9: Calçada do Café São Luiz.



Foto da autora, abr. 2013.

Na fala sobre o passado ficou evidente o apoio em registros memorialísticos da cidade, destacadamente nos de Luís da Câmara Cascudo⁵. R7m[Ido]T e R49m[Sen]T fizeram questão de indicar a casa em que o intelectual viveu. O R7m[Ido]T contou ter conhecido o casarão na época que o intelectual morava com a família *“Eu fiz vários aniversários da família de Cascudo, aniversário de Ana Maria, dele, de Cascudinho, da neta dele [...]”*. O imóvel é reconhecido como patrimônio desde 1990, quando foi tombado pelo nível estadual. A casa continua de

⁵ Usuários que fizeram referência aos registros de Cascudo foram R7m[Ido]T, R38f[Sen]M, R40m[Sen]V, R42m[Ido]T, R49m[Sen]T, R82f[Jov]V, R94m[Adu]M e R97m[Sen]M.

propriedade dos descendentes de Cascudo que mantêm um Instituto para gerenciar a material bibliográfico do autor. Em 2010, a edificação foi reconhecida como parte integrante do perímetro de tombamento federal.

A referência foi praticamente imediata ao intelectual norte-riograndense quando o R94m[Adu]M pensou no passado da área de estudo: “*Câmara Cascudo, nosso maior ícone, viveu lá toda a vida. Morou lá. Tudo que ele escreveu foi por ali*”. Respondentes de diferentes faixas etárias e vínculos com o ambiente estudado utilizaram o que haviam lido do autor para dar suporte aos seus relatos. R82f[Jov]V e R42m[Ido]T lembraram da rivalidade entre *Xarias* (moradores da Cidade Alta) e *Canguleiros* (da Ribeira) narradas nos registros memorialísticos do autor no livro *História da Cidade de Natal*. A estudante (R82f[Jov]V) disse: “*Briga entre a Cidade Alta e Cidade Baixa, que ninguém subia e ninguém descia*” (CASCUDO, 1999). Conforme os estudos históricos de Natal, estas rivalidades duraram do século XVIII até o início do século XX, pois as melhorias urbanas permitiram uma ligação mais definitiva entre os dois bairros.

A R38f[Sen]M lembrou dos escritos de Cascudo para falar da história da Igreja Nsa. Sra. do Rosário dos Pretos que também faz parte da área tombada pelo IPHAN. A moradora da Cidade Alta deixou transparecer na sua fala a insatisfação com a falta de interesse de grande parte da população com relação aos suportes físicos da história cidade, lamentou o abandono de parte destes bens culturais.

Quando a gente vai a qualquer cidade quer logo conhecer a história, as igrejas antigas. Aqui em Natal não. Menina o museu é tudo acabado, a calçada é toda acabada. [...] Quando vem turista aqui, principalmente mineiro e baiano que gosta muito de história. Diz lá a gente também tem Nsa. Sra. do Rosário, porque é a padroeira dos negros [...] Nsa. Sra. do Rosário dos Pretos, porque foram eles que construíram a igreja. Muitos deles foram arrancados de suas tribos [...] para vir para cá como escravos. Quem fala bem direitinho sobre isso é Câmara Cascudo, tem um livro Memórias de Natal. (R38f[Sen]M)

R38f[Sen]M e R97m[Sen]M fizeram referência a Cascudo quando falaram da Pedra do Rosário. A moradora da Cidade Alta utilizou os registros do autor para citar a descoberta da Santa Senhora do Rosário (padroeira da cidade) nas margens do Rio Potengi. Segundo Rubenilson Teixeira (2009, p.83), este acontecimento gerou uma comemoração, “provavelmente em 1753”, em que o clero e o Senado da Câmara convocaram o povo para carregar a imagem até a Igreja Matriz. A homenagem à Santa continua anualmente a ocorrer. O morador da Ribeira utilizou as memórias de Cascudo para destacar os atributos da paisagem às margens do Rio. “*A Pedra do Rosário [...] como Câmara Cascudo dizia, pode ter lugar mais bonito, mas o pôr do sol mais bonito do mundo é ali perto da casa que ele morava*” (R97m[Sen]M, grifo nosso).

As recordações relacionadas às praças da área de estudo foram mencionadas por respondentes de diferentes faixas etárias e vínculos. A Praça André de Albuquerque foi citada pelas atividades de lazer, pelas brincadeiras na juventude e pelas lembranças de elementos do passado⁶. R77m[Adu]M relacionou a praça com um fato da história do Rio Grande do Norte. Ele abordou a morte de André de Albuquerque, mártir da Revolução Pernambucana de 1817, baseado em leituras como as de Luís da Câmara Cascudo (1999).

[...] foi ferido aí, deste lado de cá da praça. Ali na esquina tem uma casa que foi onde eles pegaram André de Albuquerque.[...] Um sujeito deu uma cutilada por debaixo da mesa, na virilha dele, que ficou doente deste ferimento. Obrigaram a confessar e levaram ele para a Fortaleza dos Reis Magos, ficou lá até morrer. Quando morreu [...] veio carregado dali nu, pelado [...] Enterraram ele aqui na Praça André de Albuquerque. (R77m[Adu]M)

⁶ “Antigamente nesta praça tinha uns parques maravilhosos que não tem mais, parque de diversão. Outra coisa que tinha aqui era um coreto maravilhoso que tiraram” (R54f[Ido]T).

O “Beco da Lama” também foi citado nas lembranças de respondentes de diferentes faixas etárias e vínculos com a área, alguns dos usuários demonstraram nas suas falas afetividade com o *lugar*. O local é conhecido pela boêmia e pelas apresentações musicais que ocorrem na Cidade Alta. R97m[Sen]M declarou: “*Na Cidade tem uma coisa que eu gosto muito, que é o Beco da Lama*” (grifo nosso).

Nasci no Beco da Lama, fiz até meu aniversário lá. No meu aniversário de 50 anos, porque com 50 anos faz bodas de ouro, eu fiz “Bodas de Lama”. [...] Eu fiz a festa no Beco da Lama com palco armado, todos os músicos tocaram. [...] *Esta aqui é minha casa*. [...] Eu era para ser porco, porque eu nasci na lama. [risos] (R3m[Jov]V, grifo nosso)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consulta à população na área de estudo permitiu a coleta de dados importantes para subsidiar a discussão principal do artigo sobre o potencial da memória na conservação do patrimônio cultural potiguar. A análise das lembranças associadas à área de estudo evidenciou o apoio da memória no quadro físico e social, como Halbwachs (2006[orig.1968]) afirmou em seu estudo clássico. Quanto aos suportes físicos, os usuários utilizaram nos seus relatos alguns bens patrimoniais, dentre eles, o prédio da antiga Rodoviária (situada na Praça Augusto Severo), a Casa de Câmara Cascudo (na Av. Junqueira Aires), o antigo Grande Hotel (na Av. Tavares de Lira). A Av. Tavares de Lira foi lembrada pela importância na dinâmica econômica e política da cidade na primeira metade do século XX, nela se situou o *Café Cova da Onça* identificado como antigo *lugar* de encontro do grupo adepto do Partido Popular. Também foi citado o trecho situado entre Av. Rio Branco, R. Princesa Isabel e R. João Pessoa, antigo local de encontro da Cidade Alta que era conhecido como “Grande Ponto”. Neste local também foram citados alguns dos *lugares* tradicionais do passado, são eles: o Mercado Público, os Cinemas de Rua e o Café São Luís (um dos únicos que resistiu às transformações do tempo).

Pode-se perceber que os elementos citados pelos respondentes em suas lembranças coincidem com as principais áreas que receberam transformações nos ciclos de modernização do século XX. Na fala dos usuários, sobre o passado da cidade, ficou evidente o apoio em representações e significados construídos socialmente ao longo do tempo, inclusive os discursos construídos em prol da construção de uma Natal moderna. Este processo implicou em transformações radicais no ambiente que romperam práticas sociais e ocasionou o enfraquecimento (para não dizer completo esquecimento) de áreas com feições fora dos padrões modernos (a exemplo da feira do Passo da Pátria e das ruas estreitas da Ribeira). Os registros memorialísticos de Câmara Cascudo, utilizados como referência para a fala do passado da cidade, contribuíram para a formação da atual representação da área de estudo.

Através da compreensão do processo de construção da memória da cidade é possível construir ações para trabalhar a relação atual da população com o patrimônio cultural. É preciso uma aproximação com a sociedade, deixando claro os motivos e a importância de conservar inclusive o patrimônio modesto das ruas estreitas da Ribeira que estão atualmente subutilizadas. Deve-se estimular a integração da área patrimonial com a vida cotidiana da cidade, possibilitando que se multipliquem as relações afetivas com o ambiente, evidenciadas nas falas dos respondentes pelos verbos “adorar” e “gostar”, que propiciam o cuidado com a área urbana como se estas fizessem parte da pessoa. É importante estimular o registro e divulgação das memórias que ainda estão vivas com parte dos moradores da cidade, tanto com idosos e seniores que vivenciaram outra época, quanto com jovens e adultos que



conhecem os relatos de outras gerações. Os registros memorialísticos e a preservação do patrimônio cultural de um povo são importantes para aproximar a história da vida contemporânea, o que conforme Jodelet (2001) proporciona uma sensação de estabilidade e permite um desenvolvimento integrado com a conservação urbana.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Gabriela Lira. *Percepção Ambiental do Patrimônio Cultural: Estudo de caso na Cidade Alta e Ribeira em Natal-RN*. 2014. 181f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. 3.ed. Natal: RN Econômico, 1999.
- CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana M. A. Espaço e lugar. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice (Orgs.). *Temas básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.
- ELALI, Gleice Azambuja. *Imagem sócio-ambiental de áreas urbanas: um estudo na Ribeira, Natal-RN-Brasil*. Psicologia para a América Latina, México, jul. 2007, nº10.
- FERREIRA, Ângela Lúcia; DANTAS, George. (Orgs.). *Surge et ambula: a construção de uma cidade moderna (Natal, 1890-1940)*. Natal: EDUFRN, 2006.
- FERREIRA, Ângela Lúcia; et al. *Uma cidade sã e bela: a trajetória do saneamento de Natal – 1850 a 1969*. Natal: IAB/RN; CREA/RN, 2008.
- FERREIRA, Ângela Lúcia de Araújo; DANTAS, George A. F. . "Em nome da cidade": modernização, história e cultura urbana em Câmara Cascudo nos anos 1920. In: Eduardo Kingman Garcés. (Org.). *Historia Social Urbana: espacios y flujos*. Quito: Flacso Ecuador, Ministerio de Cultura, 2009, p. 155-172.
- JODELET, Denise. A cidade e a memória. In: DEL RIO, V; DUARTE, C.R.; RHEINGANTZ, P.A (Orgs.). *Projeto do lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Contracapa PROARQ, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- LIMA, Pedro de. *Cidade sempre nova e outros escritos*. Natal: Plena, 2008.
- NATAL. *Nossa Cidade Natal: crônicas*. Natal, Prefeitura Municipal do Natal, 1984.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto história: Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, nº 10, p.7-28, dez. 1993*.
- OLIVEIRA, Giovana. *A cidade e a guerra: a visão das elites sobre as transformações do espaço da cidade do Natal na Segunda Guerra Mundial*. 2008. 242f. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco. Programa de pós-graduação em Desenvolvimento Urbano.
- PINTO, Lauro. *Natal que eu vi*. Natal: Imprensa Universitária, 1971.
- SIMONINI, Yuri. *Ribeira, técnica versus natureza: transformações em prol de um projeto de modernização (1860-1932)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- STARLING, Mônica B. Patrimônio, participação local e democracia: o papel dos conselhos municipais de patrimônio cultural de Minas Gerais. *Políticas Culturais em Revista*. Salvador: 1 (2), p. 140-156, 2009.
- TEIXEIRA, Rubenilson B. . *Da cidade de Deus à cidade dos homens*. A secularização do uso, da forma e da função urbana. 1 ed. Natal: EDUFRN, 2009.
- TINOCO, Marcelo B.; SOBRINHA, Maria Dulce; TRIGUEIRO, Edja B. (orgs.). *Ribeira: Plano de Reabilitação de Áreas urbanas centrais (PRAC/RIBEIRA)*. Natal: EDUFRN, 2008.